

# Ruy Belo: O poema continua [da consciência de obra na poesia de Ruy Belo, o gesto editorial: primeiros apontamentos<sup>1</sup>]

Hugo MILHANAS MACHADO

Universidad de Salamanca. Instituto Camões  
*hmmachado@usal.es*

Texto recibido el 10/05/2008

*Voltar à poesia, daria um bom título<sup>2</sup>  
Madrid, 1 de Maio de 1973<sup>3</sup>*

## **RESUMO:**

Uma leitura na poesia de Ruy Belo (1933-1978), atenta nas dinâmicas textuais tanto ao nível dos seus nove poemários como, sobretudo, no que diz respeito a uma noção –tensa– de *Obra Toda*. Ruy Belo autor e organizador da sua poesia.

**Palabras clave:** Poesía portuguesa dos anos 60/70. Ruy Belo.

## Ruy Belo: el poema continua

## **RESUMEN:**

Una lectura en la poesía de Ruy Belo (1933-1978), interesada en las dinámicas textuales que atraviesan sus nueve poemarios y, sobre todo, en lo que concierne a una noción –tensa– de *toda la obra*. Ruy Belo: autor y organizador de su poesía.

**Palabras clave:** Poesía portuguesa de los años 60/70. Ruy Belo.

---

<sup>1</sup> *O Poema Continua*: enquadra-se o presente texto num índice de projecto de dissertação de tese de doutoramento sobre a poesia de Ruy Belo por ora em preparação.

<sup>2</sup> Daria, e devo-o, o instigar, ao meu amigo e poeta Rui Alberto.

<sup>3</sup> De *PP*: BELO 1973b: 9. Nota: as siglas respondem, para abreviar, pelo livro convocado. Assim: *Aquele Grande Rio Eufrates*: AGRE, *O Problema da Habitação – alguns aspectos*: PH, *Boca Bilingue*: BB, *Homem de Palavra[s]*: HP, *Transporte no Tempo*: TT, *País Possível*: PP, *A Margem da Alegria*: MA, *Toda a Terra*: TTA, e *Despeço-me da Terra da Alegria*: DTA.

## Ruy Belo | The poem goes on

### ABSTRACT:

This work is a reading on Ruy Belo's poetry (1933-1978), focussed on the textual dynamics of the author's nine books and, mainly, on the tense notion of a certain *conscience* over the edition of his poetry work. Ruy Belo: author and organizer of his poetry.

**Key words:** Portuguese poetry of the 60's and 70's. Ruy Belo.

### [a memória redonda]

Há exactamente trinta e cinco anos o poeta Ruy Belo<sup>4</sup> assinava a “Nota do Autor” que viria a preceder o poemário *País Possível*, impresso em Julho seguinte sob chancela Assírio & Alvim. Em ano<sup>5</sup> em que a poesia se comemora – lê e pensa – sob o signo de efemérides várias<sup>6</sup>, entre as quais a anotar precisamente a terceira década sobre o falecimento do poeta de S. João da Ribeira, em Queluz, a 8 de Agosto de 1978, não parece despropositado assinalar de igual forma esta memória redonda e por sinal indício de significações muito particulares – porque um texto a primeiro de Maio é um texto a primeiro de Maio<sup>7</sup> –, a da redacção de uma nota que, cumprindo com o gosto por uma certa e a dada altura assim intitulada “literatura explicativa<sup>8</sup>”, não apenas apresenta e como que justifica a matéria poemária do volume em questão, como se presta, assim veremos, a um pensamento mais desenvolvido, afinado com o ponderar da organização de uma obra em princípio (e *em si*) estável ainda que de fôlego editorial notável, à vez completo e complexo<sup>9</sup>, tanto em vida como, sobretudo, já no luto do poeta<sup>10</sup> – recorde-se, neste sentido, a narrativa de uma obra que aos nove poemários em primeira edição dados à estampa entre 1961 e 1977 (*Aquele*

<sup>4</sup> Rui de Moura Ribeiro Belo nasceu em São João da Ribeira, concelho de Rio Maior e distrito de Santarém, no dia 27 de Fevereiro de 1933, e faleceu a 8 de Agosto de 1978, em Monte Abraão, Queluz. *Vide* o apontamento biográfico sobre o poeta em RIBEIRO 2004: 275-285, bem como as anotações cronológicas apenas aos volumes vários das edições Assírio & Alvim e Editorial Presença da obra completa.

<sup>5</sup> Ano, o de 2008, com efeito gordo no que a efemérides literárias diz respeito. Ao quarto século Vieira somem-se, por exemplo, a terceira década sobre os falecimentos de Vitorino Nemésio, Jorge de Sena e Ruy Belo, meia centúria sobre a edição de estreia de Herberto Helder, com *O Amor em Visita*, vinte anos sobre o *Lunário* de Al Berto e uma década sobre o Nobel de José Saramago.

<sup>6</sup> Apecece, nos quinhentos anos sobre o *Amadis* de Garcí Rodríguez de Montalvo, invocar o “ataque à efeméride” do Professor Rafael Ramos Nogales.

<sup>7</sup> *Vide* MACHADO 2007: 467.

<sup>8</sup> Solicitamo-la a *HP*: BELO 1970: 17.

<sup>9</sup> *Vide* as anotações de Pedro Serra: “A complexa e completa realidade editorial – de uma obra textualmente *estável* – não deixa de reverberar, do meu ponto de vista, algumas *tensões* que atravessam a obra poética de Ruy Belo. Um exemplo pode ser a ‘tensão’ que se estabelece entre ‘partes’ claramente autónomas – e como tal editáveis – que, ainda assim, tendem para um ‘todo’ que bem se pode dizer o *corpus* de Ruy Belo” SERRA 2003: 22. Ora, vem a ser exactamente esta escrita para e em vista de um todo, o todo *tenso* da obra, que adiante nos interessará ponderar.

<sup>10</sup> *Vide Ibid.*: 22-23.

*Grande Rio Eufrates*: 1961, *O Problema da Habitação – alguns aspectos*: 1962, *Boca Bilingue*: 1966, *Homem de Palavra[s]*: 1969<sup>11</sup>, *Transporte no Tempo*: 1973, *País Possível*: 1973, *A Margem da Alegria*: 1974, *Toda a Terra*: 1976 e *Despeço-me da Terra da Alegria*: 1977), soma as segundas edições de três destes volumes<sup>12</sup> entre 1972 e 1978 e, até à recente segunda edição (2004) de *Todos os Poemas* (Assírio & Alvim), cerca de quatro dezenas de “existências”<sup>13</sup>, entre edições avulsas (Editorial Presença), e obras completas (Editorial Presença e Assírio & Alvim). Anotemos desde já a pobre fortuna editorial de *País Possível*, de cuja reedição integral a *Obra Poética* organizada por Joaquim Manuel Magalhães para a Editorial Presença prescinde, optando pela publicação do que nele é *documenta* inédita: “Apenas a dedicatória, a epígrafe, a Nota do Autor e o último poema, “Pequena História Trágico-Terrestre”, não foram publicados em qualquer outra edição, excepto a desta antologia da Assírio e Alvim. Por isso, apenas esses textos se reeditam aqui” (Magalhães [BELO] 1984: 213). Convém ponderar os custos *em obra completa* desta economia editorial, devedora de uma intenção poemária clara (porque o poeta Ruy Belo publicou um volume intitulado *País Possível* reunindo 28 poemas pela ordem em que se encontram) que se vê aqui desarticulada. Mas voltemos por ora à memória redonda convocada na abertura do parágrafo: “Madrid, 1 de Maio de 1973”, assim fecha o texto de introdução a um livro, *País Possível*, cuja novidade enquanto conjunto inédito de poemas é significativamente argumentada pelo poeta, procurando nele justificar e fazer valer a sua condição de “livro novo” sobre a paisagem “antológica” sugerida pela disposição dos poemas aí reunidos<sup>14</sup>, todos eles –exceptuando o inédito “Pequena história trágico-terrestre”, a fechar– pedidos emprestados a outros livros: *Boca Bilingue*, *Homem de Palavra[s]* e *Transporte no Tempo*. Vale a pena citar: “Este livro, que aparentemente poderia não passar de uma antologia visto que

<sup>11</sup> É curiosa a indecisão na data a apontar neste poemário, ainda que a primeira edição não deixe dúvidas de que é impressa “no Porto, em Janeiro de 1970”. Notemos, no entanto, que no prefácio à reedição de 1978 o poeta se lhe refere como um livro do ano anterior: “No balanço que, em finais de 1969, publicou sobre livros de poesia que nesse ano apareceram, um crítico literário que aliás prezo disse que, com este *Homem de Palavra[s]* eu, como poeta, me havia desenhado” (BELO 2004, vol. I: 243). Da mesma forma, a *Obra Poética* organizada por Joaquim Manuel Magalhães para a Editorial Presença mantém 1969 como data de edição do volume, tal qual como nas notas de obra apenas às primeiras edições de, por exemplo, *PP*, *MA* e *TTA*. Já a edição Assírio & Alvim dá primazia à data de 1970. A discrepância mantém-se em vários estudos sobre o poeta, assinalando-se ora uma data, ora outra. Mantenhamos, por ora, a indicação do autor: 1969.

<sup>12</sup> *AGRE* (1972), *HP* (1978) e *DTA* (1978).

<sup>13</sup> Fazemos valer nesta contabilidade a edição de cada poemário nas obras completas editadas pelas editoriais Presença e Assírio & Alvim. Para a contabilidade completa até às edições 2000 da Assírio & Alvim vide SERRA 2003: 44-45.

<sup>14</sup> Interpretação – a da “antologia” – recorrente, e com consequências na contagem dos poemários editados por Ruy Belo. Vide, a exemplo, Magalhães [BELO] 1984: 213, ou RIBEIRO 2004: 58: “Não se trata propriamente de uma nova colectânea, mas de uma antologia onde a um único poema inédito se agrega uma selecção de outras composições (...)”. Paula Morão, a título de exemplo, menciona a “notável coerência, tão mais impressionante quanto, por um lado, os seus oito livros de poesia foram sendo publicados com regularidade e ao longo de dezassete anos (...)” (MORÃO 1998: 16 – sublinhado nosso). Por sua parte Ruy Belo é claro: “Eu sei que este *Homem de Palavra[s]* talvez não atinja a exigência de *Boca Bilingue*, mas mesmo este livro, na realidade, creio que está longe de ser o mais equilibrado dos meus nove (...)” (BELO 2004, vol. I: 243 – sublinhado nosso). (Vide, a propósito, de *BB* a *HP*, CRUZ 1999b: 106-115.)

o integram um poema inédito e poemas extraídos dos meus últimos livros publicados, tem realmente uma unidade e é afinal um livro novo. (...) Este livro é um livro novo porque um livro de poesia é afinal um lugar de convívio, um local onde os poemas reagem uns contra os outros, se criticam mutuamente, se transformam uns nos outros<sup>15</sup>” (BELO 1973b:7). O argumento da novidade do livro escava, delimita-lhe um mapa, o lugar do livro, o lugar dos poemas impressos de forma e com forma intencional: a nova organização de poemas antes publicados – em disposição e companhia outra – tem nome de título novo, institui uma região inédita na obra publicada de Ruy Belo, lugar que transcende a “aparência” de antologia sugerida pela arrumação de poemas éditos. E não apenas se configura nesta paisagem como livro novo como, sobretudo, o “livro possível”, o único. A soberania do argumento é clara: a poesia editada em *País Possível* não apenas lhe põe um título dentro da coleção beliana, o sexto à data, como convoca um estado de obra “possível” dentro destes livros publicados – regime “de selecção” aliás indiciado pela organização afinal antológica do volume, ainda que ponderada e reescrita pelo poeta na Nota a abrir. O lugar de *País Possível* é, em Maio de 1973, o lugar possível de uma poesia, a possível, para e no Portugal (país) da época. Se o país se pode somente vivê-lo em registo de antologia, debatendo-se no mais ou menos, assim venha a poesia.

[a obra a ter pressa]

Há exactamente trinta e cinco anos o poeta Ruy Belo assinava desde Madrid a “Nota do Autor” que viria a preceder o poemário *País Possível*. A singularidade da publicação e habitação deste volume (antologia) dentro da narrativa da obra édita de Ruy Belo merece que a pensemos vista ainda de um outro documento, anterior à nota de autor aqui em leitura, e que talvez permita vislumbrar uma intenção *de obra* que, afinal, vem a passar exactamente por este livro e, portanto, pela vontade de publicação da antologia. Vem igualmente assinada desde Madrid<sup>16</sup> e traz a data de 19 de Novembro de 1971, a carta endereçada a Gastão Cruz<sup>17</sup> em que Ruy Belo aponta a pressa em publicar os (seus conhecidos) poemas “que terão por título Monte Abraão”, admitindo conciliá-los – como “outra hipótese” – com a possibilidade de uma reunião de toda a sua poesia até então editada: “Agradecia que me orientasse no seguinte: como sabe eu disponho destes poemas que terão por título Monte Abraão, que você conhece e que gostaria de publicar o mais cedo possível, num pequeno volume, ou então com um prefácio seu, se possível, (...) sobre toda a minha

<sup>15</sup> Prossegue o poeta, justificando a unidade inédita do volume em função de uma vivência social apostada à escritura de cada um destes poemas. Vide MACHADO 2007: 463-470. (Anotemos ao texto uma correcção: naturalmente que são três e não apenas “Nau dos Corvos” – como aí se assinalava (*Ibid.*: 467-468) – os poemas que subvertem em *PP* a ordem original no livro de precedência, ainda que mantenhemos a singularidade deste poema, deslocado de forma a anteceder o inédito com que fecha o volume. Os demais poemas, “Das coisas que competem aos poetas” (*BB*) e “Sexta-feira sol dourado” (*HP*), avançam sobre os poemas que os acompanham, respectivamente, uma e duas posições. Vide Magalhães, BELO 1984: 213-214.)

<sup>16</sup> Ruy Belo desempenhou, como se sabe, funções de Leitor de Português na Universidade Complutense de Madrid entre 1971 e 1977. Vide RIBEIRO 2004: 383-384.

<sup>17</sup> Documento publicado no Jornal de Letras, n.º. 730, de 7 a 20 de Outubro de 1998, p. 20.

poesia (...). Outra hipótese era reunir toda a minha poesia num único volume, mas isso poderá demorar e eu tenho pressa”. Retenhamos destas palavras, desde já, a consciência de uma obra (por então) *toda*, à data, 1971, uma década cumprida sobre a edição do volume de estreia, *Aquele Grande Rio Eufrates* (1961). Se o sintagma do “todo” só ganhará título édito com a publicação *toda* de *Todos os Poemas* (Assírio & Alvim, 2000) orientada precisamente por Gastão Cruz e Teresa Belo, importa no entanto sublinhar, em primeira instância, a disponibilidade *toda*, já em 1971, de uma obra que à data contabiliza quatro títulos<sup>18</sup> e, em segunda, a pressa em publicar os inéditos de Monte Abraão – conjunto de que se conhecia a edição, na compilação *Outubro – Textos de Poesia*, coordenada por Gastão Cruz e Casimiro de Brito<sup>19</sup>, de três (“Invocação”, “Na colina do instante” e “Espaço para a canção”) dos doze poemas posteriormente dispostos na secção (primeira) assim intitulada em *Transporte no Tempo* (1973). Ora, é sedutora a resposta que o ano de 1973 parece reservar – e sondar-se-ia com que eficácia – para a carta de 19 de Novembro de 1971, com as edições, em *Transporte no Tempo*, do conjunto de poemas Monte Abraão e, como vimos, da antologia-que-é-um-livro-novo *País Possível*, poesia *toda* e possível “a um homem que sente na poesia a sua mais profunda razão de vida mas se sente, simultaneamente, solidário com os outros homens (...)” (BELO 1973b: 8-9): a poesia editada é a poesia convocada por esta disposição social<sup>20</sup>, que lhe possa inscrever uma forma de vozeamento e de transitividade, isto é, que se possibilite à compreensão por parte desses homens pelos quais se joga o poeta. “A poesia de intervenção de um autor consagrado”: assim diz a cinta que abraça o volume.

Um outro gesto editorial de especial relevo merece ser equacionado, ainda no que respeita à consciência de uma obra *toda* e possível à época: a reedição, em 1972, de *Aquele Grande Rio Eufrates*<sup>21</sup>, que, como veremos adiante, se vem inscrever de maneira re-inauguradora nesta narrativa editorial: o apontamento de obra “do autor” que abre *País Possível* dará conta desta consciência em reescritura, assinalando aquela segunda edição como livro primeiro<sup>22</sup> da biblioteca beliana à data: “Do autor. POESIA. Publicada: *Aquele grande rio eufrates* (2ª edição), Círculo de Poesia, Moraes Editores, Lisboa 1972<sup>23</sup>”. Pedro Serra sondou de forma pertinente a dinâmica em que se parece jogar por esta altura a poesia (e a edição da poesia) de Ruy Belo: gesto – o poético – que abre esta década de setenta a ver uma poesia como que a voltar (e) a começar, uma poesia em *corrente de ar*<sup>24</sup>: “Por volta deste momento, isto é, por volta de 1973, Ruy Belo enceta a reedição de poesia até então publicada. Refiro-me, como se sabe, em primeiro lugar, à reedição de *Aquele Grande Rio*

<sup>18</sup> *AGRE* (1961), *PH* (1962), *BB* (1966) e *HP* (1969).

<sup>19</sup> Vide Magalhães, BELO 1981, vol. 2: 327.

<sup>20</sup> Vide SARAIVA 1998: 13: “Enquanto não é real o país possível, é evidente que ele é possível e real apenas na consciência do poeta e do homem que nele acredita e que por ele luta, consciência que o antecipa e em que se transforma (‘o país está dentro de nós’), por violência metafórica e metonímica, só com o imaginar, como dizia Camões (...)”.

<sup>21</sup> Vide TORRES 1990: 185-190.

<sup>22</sup> Um de *ser primeiro* em estado crítico, dir-se-ia anacrónico: o passado a (voltar a) escrever-se no presente. Vide SERRA 2003: 23: re-cronologização e des-cronologização.

<sup>23</sup> BELO 1973b: 4.

<sup>24</sup> Esta, como as outras, pedimo-la a Deleuze.

*Eufrates* em 1972, acrescentando-lhe o prefácio que para essa ocasião escreveu, e que ainda hoje funciona como ‘pórtico’ da *opera omnia*. Refiro-me, ainda, à antologia *País Possível*, precisamente de 1973 (...). Estas ‘dobras’ na edição da sua poesia assinalam, do meu ponto de vista, um ponto de inflexão” (SERRA 2003: 22-23): ponto de inflexão ou de torção que traduz o intuito do reatualizar de um texto já do lado da memória, mas ainda do lado da memória. Prossegue: “Digamos que, a partir dessa data aproximada, temos um Ruy Belo a trazer a obra para um presente (o seu), em que se instalasse *toda*” (*Ibid.*). A pressa da carta de 19 de Novembro de 1971 significa não apenas a pressa num conjunto de poemas intitulado “Monte Abraão”, mas a pressa na organização de uma obra em devir fora de data, que venha e que se inscreva no mapa que por esta altura se revela: um mapa que tanto significa “toda a poesia” como “toda a terra”.

[*uma poesia em corrente de ar*]

Há exactamente trinta e cinco anos o poeta Ruy Belo assinava desde Madrid a “Nota do Autor” que viria a preceder o poemário *País Possível* que, à quarta página da impressão Assírio & Alvim de Julho seguinte, daria conta, numa pequena nota aí inscrita, da obra (poética e crítica) publicada pelo autor, bem como daquela que estaria, à data, em vias de o ser. Vale a pena reproduzir a informação da obra poética aí indicada como titular<sup>25</sup>:

Do autor

## POESIA

Publicada:

**Aquele grande rio eufrates** (2ª edição)

Círculo de Poesia, Moraes Editores, Lisboa[,] 1972

**O problema da habitação – alguns aspectos**

Círculo de Poesia, Moraes Editores, Lisboa, 1962

**Boca bilingue**

Colecção Poesia, Edições Ática, Lisboa, 1966

**Homem de palavra(s)**

Cadernos de Poesia, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1969

**Transporte no tempo**

Círculo de Poesia, Moraes Editores, Lisboa, 1973

**País possível**

Assírio & Alvim, Lda., Lisboa, 1973

Um primeiro comentário, atrás descortinado, impõe-se: o apagamento da primeira edição de *Aquele Grande Rio Eufrates* como obra primeira da Obra. Isto é, passa

<sup>25</sup> BELO 1973b: 4

pelo gesto o intuito de substituição do texto de 1961 pela sua segunda impressão, de 1972, da qual se deduzirá uma vontade de edição de referência: *Aquele Grande Rio Eufrates* é, desde 1972, o livro de 1972, precedido pela importante “Explicação que o autor houve por indispensável antepor a esta edição”, igualmente assinada desde Madrid, “uma das cidades do mundo mais distantes de Lisboa” (BELO 2004, vol. I.: 20), e primeiro para-texto adjunto a um poemário seu. Importa atentar neste gesto de comentário ao livro, que se repetirá em *Transporte no Tempo* (1973), antecedendo-o de um “Breve programa para uma iniciação ao canto”, em *País Possível* (1973), introduzido pela supra citada “Nota do autor”, e na segunda edição de *Homem de Palavra[s]* (1978), precedida de uma defesa (outra) do livro: “De como um poeta acha não se haver desencontrado com a publicação deste livro”. Sublinhe-se pois a propensão comentarista instalada na poética beliana nestes tenos anos de início da década de setenta, traduzida na inclusão de documentos *para-livro* em cada um dos três títulos dados à estampa neste período<sup>26</sup>, cunho crítico que confirma a dinâmica de uma consciencialização notável da obra, obra que se pensa e põe em andamento; e, de igual modo, a suspensão desse mesmo gesto nos três títulos seguintes<sup>27</sup>, vindo a ressurgir apenas na reedição de *Homem de Palavra[s]* (1978), por sinal último título editado sob a responsabilidade do poeta, para aí dizer, *como quem escreve depois de Abril e que escreveu antes de Abril*, de um país onde não acontecia nada “e hoje volta a parecer não acontecer nada” (BELO 2004, vol. I.: 245) – voltaremos a pensar esta temporalidade balançada no eixo de *nome* 1974, marcação de um texto em que se accionam e reagem estados de anterioridade e posterioridade, ainda que (ou exactamente porque) do Portugal (*então*) possível se osculte ainda (*depois*) o “presente obscuro português”<sup>28</sup>, do qual “algum futuro há-de enfim nascer”<sup>29</sup>.

Os quatro documentos assinados pelo autor e chamados a abrir as edições acima mencionadas constituem, dentro do corpus beliano, o registo de uma discursividade sobre a sua poesia *trazida para dentro da edição dessa mesma sua poesia* – ainda que a possamos naturalmente sondar nos diversos textos recolhidos em *Na Senda da Poesia*<sup>30</sup>, que tendo em comum “versarem sobre o fenómeno poético” (BELO 1969: 7), não deixarão de alumiar áreas de significação divisadas na poesia de Ruy Belo. São textos, aqueles que adjuntos às edições de 1972, 1973 e 1978, de cuja leitura se poderá deduzir uma como que *insistência* no livro, e insistir no livro é solidificar a estrutura da obra: o texto apostado ao livro reforça uma vontade editorial – a do livro: o texto apostado ao livro atesta-lhe um modo de consciência, a do autor sobre o mesmo, e a do autor, em plano mais largo, sobre a obra toda. Pondere-se, nesse sentido, a vontade do prefácio à segunda edição de *Homem de Palavra[s]* (1978): o “poeta que acha não se haver desencontrado com a publicação deste livro” é o poeta

<sup>26</sup> *AGRE* (2ª ed.: 1972), *TT* (1973) e *PP* (1973).

<sup>27</sup> *MA* (1974), *TTA* (1976) e *DTA* (1977).

<sup>28</sup> *DTA*, “Enganos e Desencontros” (BELO 2004, vol. III: 245).

<sup>29</sup> *Ibid.*

<sup>30</sup> Complemente-se a primeira edição deste volume (1969), com matérias posteriormente publicadas pelo poeta e recolhidas nas duas edições subsequentes, organizadas por Joaquim Manuel Magalhães e Maria Jorge Vilar de Figueiredo para a Editorial Presença (*Obra Poética de Ruy Belo*, vol. I, 1984) e Maria Jorge Vilar de Figueiredo para a Assírio & Alvim (*Na Senda da Poesia*, 2002).

não só interessado em reconsiderar um certo desencontro que um crítico que “aliás preza” lhe descortinara enquanto poeta com a edição primeira de *Homem de Palavra[s]*, mas sobretudo o poeta que reencontra esse mesmo livro, cão que volta “ao seu próprio vômito” (BELO 2004, vol. I: 251), e como quem nele persiste: se em 1972 Ruy Belo actualiza um livro (*Aquele Grande Rio Eufrates*) de 1961, trazendo-o “para um presente (o seu)”<sup>31</sup> de forma a recontextualizá-lo como obra primeira da Obra, já com a reedição em 1978 de *Homem de Palavra[s]* o poeta confirma –*encontra-lhe*– um lugar deste livro no seio dessa *poesia toda* em tempo presente, ainda que perspectivado, neste caso, retroactivamente. Dir-se-ia: à data da última edição em vida, a Obra de Ruy Belo parece ter, por então, e em memória cronológica, um inaugurar revisto exactamente nesta primeira edição de *Homem de Palavra[s]* (1969/1970): dos três livros anteriores, dois ver-se-ão revisitados e, por assim dizer, alojados no mapa de uma poesia que se vem esclarecendo –enquanto consciência de obra– nesta década: *Aquele Grande Rio Eufrates*, abonado com uma segunda edição em 1972, e *Boca Bilingue* (1966), do qual se convocam 3 poemas para *País Possível* (1973): ora, um problema de habitação, o do livro homónimo (1962)<sup>32</sup>, pois, por resolver.

[a margem de fim de verão na Consolação]

Há exactamente trinta e cinco anos o poeta Ruy Belo assinava desde Madrid a “Nota do Autor” que viria a preceder o poemário *País Possível* que, à quarta página da impressão Assírio & Alvim de Julho seguinte, e depois de indicado o aparato bibliográfico da obra publicada, diz assim:

A publicar:  
**Toda a terra**

Pois bem, *Toda a Terra*, que se dará à estampa somente em 1976, é, três anos antes, um título já previsto, detentor de uma região própria no mapa da obra beliana, de publicação projectada. Bem sabemos que tal seguimento da obra não se cumprirá, isto é, que *Toda a Terra* não será o volume subsequente a *País Possível* –onde fecha a contagem da obra édita– e se verá como que ultrapassado pela edição de um outro poemário, *A Margem da Alegria* (1974), ao que parece por esta altura ainda não contemplado na intenção editorial de Ruy Belo. Há que pensar esta correcção ao esquisso da obra tendo em conta um gesto que se torna constante sensivelmente por esta altura (1972/1973): o da datação dos poemas<sup>33</sup>. Atentemos, nesse sentido, em como o poema *A Margem da Alegria*, impresso em Abril de 1974, traz como data

<sup>31</sup> Vide SERRA 2003: 23.

<sup>32</sup> Ou talvez não. Cristina Firmino da boa conta da dinâmica que perpassa *PH*: uma escritura para e a ver o fim. Um fim inventado como legitimação do livro, ou uma poesia a vir depois, desabitada de autoria: poeta morto e poesia morta. Vide FIRMINO 1997: 7-18.

<sup>33</sup> Vide SERRA 2003: 22-23.

a fechar o texto o dia 18/IX/1973, isto é, cerca de dois meses volvidos sobre a edição de *País Possível*, e quatro sobre a assinatura da *Nota* que o precede. Por outro lado, veja-se como do apontamento de datação dos poemas apenso ao volume *Toda a Terra* se pode concluir que os 31 poemas aí recolhidos foram compostos entre 15/I/1972<sup>34</sup> e 05/X/1973<sup>35</sup> e que, deste conjunto, 9<sup>36</sup> o foram ainda antes da assinatura da *Nota a País Possível*, e mais precisamente, entre Janeiro de 1972 e Fevereiro de 1973, o que de igual modo significa que os restantes 22 poemas foram escritos entre os meses de Maio e Outubro de 1973<sup>37</sup>, período em que o poeta trabalhava igualmente no longo poema “A Margem da Alegria” – e isto crendo na data de fecho que lhe é aposta e na omissão do livro homónimo no apontamento bibliográfico de Julho. Ano editorial tenso, este de 1973, a que devemos adjuntar a organização e edição de *Transporte no Tempo e País Possível*, e de que podemos desde já observar as seguintes conclusões:

- i) o poema-livro *A Margem da Alegria*, a imprimir em Abril de 1974, corrige o programa de obra esboçado em 1973: na verdade, rectifica-lo ainda por altura do final de Verão deste mesmo ano, na Praia da Consolação, a 18 de Setembro, quando se redigem os poemas mais tardios de *Toda a Terra*<sup>38</sup>;
- ii) o poemário *Toda a Terra*, coligindo composições de 1972 e 1973, e de edição antevista no apontamento a *País Possível*, (e aliás também em *Transporte no tempo*) só o será em 1976, sem que nenhuma composição se lhe imiscua no período compreendido entre 1973 e 1976, o que denota uma dinâmica divergente daquela a que, por exemplo, assistira o livro anterior, *A Margem da Alegria*, no qual pouco mais de meio ano<sup>39</sup> intervalara a data de fecho do poema e sua impressão; os poemas de *Toda Terra*<sup>40</sup>, pelo contrário, esperam

<sup>34</sup> Data de composição de “Encontro de gracilaso de la vega com dona isabel freire, em granada, no ano de 1526”, poema primeiramente editado na revista *El urogalo, septiembre-octubre*: Madrid, 1972.

<sup>35</sup> Data de composição de “Meditação no limiar da noite”.

<sup>36</sup> Todos eles da segunda secção do livro: ‘Terras de Espanha’. Assinale-se como nesta secção se reúnem tanto os poemas mais antigos como os mais recentes de todo o poemário: por um lado os 9 poemas anteriores a Maio de 1973 e, por outro, as duas últimas composições, datadas de 3 e 5 de Outubro desse mesmo ano. Já a primeira secção, ‘Aerías de Portugal’, é composta por poemas escritos, sobretudo, nos meses de Agosto (13) e Setembro (6) de 1973, além de um único poema datado de 2 de Outubro, e todos eles na Praia da Consolação, Peniche. Concluindo esta aproximação topográfica, mencione-se que dos 11 poemas de ‘Terras de Espanha’ apenas 5 foram redigidos em Madrid, mantendo os restantes 6 a assinatura da praia penicheira frequentada assiduamente pelo poeta desde 1972.

<sup>37</sup> Mais exactamente entre Agosto e Setembro. *Vide* nota anterior.

<sup>38</sup> Se o poema “A margem da alegria” traz a data de 18 de Setembro, observe-se como “Há domingos assim”, “Uma forma de me despedir”, “Nem sequer não” e “Requiem por salvador allende” apontam, respectivamente, os dias 7, 9, 11 e 12 desse mesmo mês e “Quando já principia a anoitecer”, “A sombra do sol” e “Meditação no limiar da noite”, os dias 2, 3 e 5 do mês seguinte. Curiosa convivência, esta, sem dúvida sintomática da *tensão em escritura* que habita, por então, a poesia beliana. Tensão, também, a da Obra: livros que se atropelam e (se) reajustam (n)o Mapa.

<sup>39</sup> 18/IX/1973 – Abril de 1974.

<sup>40</sup> Já antes mencionámos que o poema “Encontro de gracilaso de la vega com dona isabel freire, em granada, no ano de 1526”, é publicado anteriormente (1972) – *vide* nota 29; cabe também assinalar que “Uma forma de me despedir” conhecerá também uma edição prévia à de *TTA*, na revista *Quaderni Iberi-Americani* (1974-1975), Torino. *Vide* Magalhães, BELO 1981: 328.

três a quatro anos pela sua publicação, sem que nenhuma companhia se lhes junte, o que, ainda que instigue, para já, a especular sobre a deserção de poemas neste período, reitera de forma peremptória o projecto de obra anotado em *País Possível*;

- iii) um terceiro raciocínio deduzível desta dinâmica e uma vez mais atento à datação dos poemas convoca o último livro da colecção beliana, *Despeço-me da Terra da Alegria*, editado em primeira edição em 1977 e reeditado no ano seguinte; repare-se na data dos poemas: “A ilha de artur”: 24/IV/1977, “A fonte da arte”: 24/IV/1977, “Despeço-me da terra da alegria”: 10/VII/1975, “Fugitivo da catástrofe”<sup>41</sup>: 15/V/1977, “Poema para a catarina”: 15/V/1977, “Enganos e desencontros”: 31/V/1977: ora, dos 7 poemas da segunda edição apenas um<sup>42</sup> não ostenta indicação de data de composição e, dos restantes seis, quatro coincidem em duas datas, 24 de Abril de 1977<sup>43</sup> e 15 de Maio<sup>44</sup> desse mesmo ano. Resta mencionar dois poemas nesta contabilidade: aquele que dá título ao livro, por sinal o mais antigo, datado de Julho de 1975 e, por fim, “Enganos e desencontros”, poema último da colecção e derradeiro poema também em data da obra de Ruy Belo<sup>45</sup>. Cruzando estas indicações com as dos livros anteriores, repare-se no vazio de poemas (éditos) nos anos de 1974 e 1975: o poema-livro “A margem da alegria”, publicado em 1974 traz data de Setembro do ano anterior, dos poemas coligidos em *Toda a Terra* nenhum aponta data outra que não referente ao biénio 72/73 e, do último volume, *Despeço-me da Terra da Alegria*, somente o poema homónimo se reporta a este período, 10 de Julho de 1975. Ora, apetece recordar um conhecido poema que Gastão Cruz anexa à edição Assírio & Alvim de *Todos os Poemas*, terceiro volume, composição que Ruy Belo resolveu não incluir em nenhum dos seus dois últimos poemários: “Um dia alguém numa grande cidade longínqua dirá que morri”, assim diz o primeiro verso e assim responde um poema que, ao invés do que constatado na totalidade da obra édita<sup>46</sup>, não ostenta um título. Assim comentava no jornal *Público* Gastão Cruz, a 8 de Agosto de 2003, a singularidade do poema: “Não podemos saber se, no caso de ter vivido mais tempo, Ruy Belo viria a publicar este poema, encontrado entre os papéis que deixou. Não sabemos também se o alteraria: é quase certo que lhe daria um título, já que não existe nos seus livros qualquer poema que o não tenha. ‘Um dia alguém numa grande cida-

<sup>41</sup> Da segunda edição, aumentada, bem como “Poema para a catarina” e “Enganos e desencontros”.

<sup>42</sup> “Os balcões sucesivos sobre o rio”: BELO 2004, vol.III: 203-204.

<sup>43</sup> “A ilha de artur” e “A fonte da arte”.

<sup>44</sup> “Fugitivo da catástrofe” e “Poema para a catarina”. Assinale-se que “Fugitivo da catástrofe” conhece edição, em Março de 1978, no nº 42 da *Colóquio Letras*.

<sup>45</sup> Atente-se porém nas cinco novas “Imagens vindas dos dias” que o autor inclui na reedição de 1978 de *HP*, a que alude no prefácio ao livro, assinado no dia 18 de Abril desse ano.

<sup>46</sup> Recordemos que as dezasseis “Imagens vindas dos dias” da segunda edição de *HP* ostentam um título, o que, das onze da primeira edição, só se assinalava no poema final “Cólofon ou epitáfio”. Há que ponderar, no entanto, a inclusão deste poema dentro da secção, já que o índice da primeira edição de *HP*, não dando conta de uma não-pertença do mesmo, não deixa de lhe reservar uma atenção gráfica ambivalente: é indexado na sequência das dez “Imagens”, ligeiramente destacado em relação às mesmas, mas sem indicação de secção autónoma – como de resto sucede em todo o poemário.

de...’ tem a data de 15 de Abril de 1974, isto é, foi composto seis meses e dez dias depois do último poema que Ruy Belo escreveu para ‘Toda a Terra’, ‘Meditação no limiar da noite’, de 5 de Outubro de 1973. É possível que, ao organizar o último livro, ‘Despeço-me da Terra da Alegria’, Ruy Belo tivesse, com razão, entendido que o poema inédito, que hoje se divulga, não se integraria adequadamente nesse conjunto e o tivesse deixado de parte, com vista a submetê-lo a uma decisão futura (na verdade, não o destruiu). Lendo-o agora, reconhece-se nele, em parte, o regresso a alguns dos mais poderosos núcleos significativos de uma poesia que os revisitava com a consciência de já haver sobre eles (e sobre muitos outros, obviamente) elaborado uma impressionante sequência de obras-primas, de ‘A mão no arado’, ‘Ácidos e óxidos’ ou ‘Vat 69’, a ‘Muriel’, ‘Fala de um homem afogado ao largo da senhora da guia...’, ‘Ao regressar episodicamente a espanha...’, para me limitar a meia dúzia de exemplos” (CRUZ 2003: [1]<sup>47</sup>). Consolação, 12-30, 15 de Abril de 1974, assim remata o poema, isto é, cerca de meio-ano após o fecho da recolha de *Toda a Terra* e precedendo em demorados quinze meses a datação do poema mais recuado de *Despeço-me da Terra da Alegria*. Haveria que oscultar o espólio inédito do poeta de forma a averiguar o trabalho poético do biénio 74/75, mas uma conclusão impera sobre este gosto especulativo: somente um poema é convocado para a obra (“Despeço-me da terra da alegria”), e um outro, inédito, afigura-se sedutoramente como um poema por acabar – por intitular e por acabar. Um poema, digamo-lo de passagem, último, antes de Abril. O lugar de *País Possível* era, em Maio de 1973, o lugar possível de uma poesia, a possível, para e no Portugal (país) da época. Se o país se podia vivê-lo somente em registo de antologia, debatendo-se entre o mais ou menos, que assim viesse a poesia, engendrando esse puro pássaro ainda (porque) possível.

[o poema continua]

Há exactamente trinta e cinco anos o poeta Ruy Belo assinava desde Madrid a “Nota do Autor” que viria a preceder *País Possível*, no qual, adjunto a poemas recolhidos de outros três poemários seus, pontua, a fechar o volume, o *importante*<sup>48</sup> “Pequena história trágico-terrestre”, único poema inédito de toda a antologia. Se o poema por um lado reverbera um imaginário que fora nome (marítimo) de Portugal, a posterioridade da obra beliana virá confirmar a possibilidade nele aberta de uma poesia a continuar (num Portugal posterior, o de 1977, ainda possível mas entretanto *possibilitado*), e por isso possível: isto é: se no poema desemboca o desencanto social na imagem de um legado trágico-terrestre, do homem, da obra e do mar, como quem morre ao meio-dia<sup>49</sup>, do poema parte de igual modo a história a prosseguir – a reescrever. Ao país possível se chega e do país possível se parte. Reformulando:

<sup>47</sup> Vide referência bibliográfica.

<sup>48</sup> É assinalável a recorrência no epíteto. Vide, a exemplo, CARLOS 2000: 261, e a nota cronológica anexada à edição Assírio & Alvim da obra completa: “1973. Lança o quinto volume de poesia, *Transporte no Tempo*, e a antologia pessoal *País Possível*, ‘um livro novo’ com o *importante* inédito ‘Pequena História Trágico-Terrestre’ (...)” (sublinhado nosso).

dali ainda se vem partindo. O Portugal possível é o Portugal desconstruído. Referimo-nos, naturalmente, ao muito singular regresso ao poema que Ruy Belo ensaia em “Enganos e desencontros”<sup>50</sup>, composição última da obra editada, em que se revisitam e reescrevem fragmentos do poema de *origem*<sup>51</sup>. Destes movimentos *verbais* na obra de Ruy Belo dá Manuel António Silva Ribeiro uma interessante abordagem, sondando esta particular forma de escrever em regime intertextual: “Esta mesma técnica é usada nos últimos livros socorrendo-se não já de materiais discursivos criados por outrém mas de segmentos poéticos pertencentes à sua própria produção anterior, fazendo a transliteração de versos de obras antecedentes ou introduzindo-lhes algumas variantes (...)” (RIBEIRO 2004: 100-101). Ruy Belo advertira em *País Possível* para a disponibilidade tensa, dir-se-ia jazzística<sup>52</sup>, da organização do livro: os poemas reagem uns nos outros, uns pelos outros, namoram-se, reescrevem-se. O poema primeiro a preceder o poema segundo é um poema outro se reordenado em posição terceira: um poema que era *A* e que agora vem depois do *B*. Muito bem: se se atentara neste volume na nova organização poemária como fundamento da sua novidade – porque inédita – interessa agora apreciar uma dinâmica compreendida *fora do livro*, isto é, já não residente no domínio da gestão uma do poemário mas no da obra que se vê a si própria, de forma panorâmica, e da qual o acto de escritura se nomeia consciente: Obra. Como no jazz, a cada instrumento um pedaço de luz, em divagação *solo*, mas tudo em Nome da canção.

*À minha personalidade própria de poeta  
na carne cerebral de que careço  
a eternidade vem-me das papoilas  
desfolha-se-me a vida como as pétalas das rosas  
e pensei e li mais do que vivi  
E só tu sobressais entre as demais  
mulher eterna com a luz na frente  
e dominante agora em todo o horizonte  
Humano mesmo se demasiado humano  
povoam-me cidades sossegadas  
de sonhos que semeiam as semanas  
onde só o silêncio é soberano  
Dobra-se a brisa à mão do meio-dia  
a fantasia é fértil em verdade  
e do presente obscuro português  
algum futuro há-de enfim nascer  
Do salmo lúgubre da luz final do dia  
que já há quatro séculos se entoa  
hão-de rasgar a noite portuguesa  
as raparigas da cidade de lisboa*

<sup>49</sup> Vide “Morte ao meio-dia”, *BB*: BELO 2004, vol. I: 203. Cf. AGUIAR E SILVA 2002: 254.

<sup>50</sup> De *DTA*, segunda edição (1978).

<sup>51</sup> *Origem*, em poesia, e já o sabemos, precária.

<sup>52</sup> Cf. LOURENÇO 2002: 217.

*E eu hei-de voar ao vento do momento  
Dizias qualquer coisa? Esta manhã? Perfeitamente  
(BELO 2004, vol. III: 245<sup>53</sup>)*

Reproduzimos os últimos versos de “Enganos e desencontros” (31/V/1977), e a sugestão de uma amplitude contemplativa, como quem vê de um plano outro, é tentadora: a mão que encaracola e dispõe, no seu seio, no papel, a meada do poema, o único poema. E a mão que enrola a meada é a mão que distribui as cartas sobre a mesa, para o acidente controlado – ou então os poemas: o possível numa geografia prevista. Da mesma forma, não é arbitrariamente a retoma, nestes versos, de segmentos verbais de “Pequena história trágico-terrestre”, e menos o é a reescritura dos mesmos:

*Humano mesmo se demasiado humano  
não peço ou posso privilégios de poetas  
e desconheço a carne cerebral de que careço nos  
sonhos que me semeiam as semanas  
cingidas de cidades sossegadas  
onde só o silêncio é soberano  
(BELO 1973b: 65<sup>54</sup>)*

A voz que se diz humana diz-se homem social, homem junto dos homens nas cidades caladas, e di-lo em 1973 e em 1977 – como um ano depois dirá do Portugal onde nada parece acontecer<sup>55</sup>. Entretanto, instalaram-se “privilégios de poetas”, e o mistério *pela negativa* da máquina poética, esse, morreu: ganhou-lhe lugar a consciencialização “própria de poeta”, conhecedora da carne que antes se dizia ignorar: mas carne que acaba e que sabe: “pensei e li mais do que vivi”. Mantém-se, no corpo de poeta, a desolação e (um jeito de ser) o homem, “humano mesmo se demasiado humano”. Tanto faz: escreve-se para um Portugal possível, e contra um Portugal possível: que o era em 1973, em título de livro, e que, enfim, passados quatro anos que também são “quatro séculos”, cumprido Abril, o seguirá sendo, em vista de “algum futuro” e em clave onírica, onde “a fantasia é fértil em verdade”. Tanto faz. O poema continua.

“Dizias qualquer coisa? Esta manhã? Perfeitamente” (BELO 1973b: 67), assim diz o centésimo-vigésimo verso da “Pequena história trágico-terrestre”, e assim finda o poema “Enganos e desencontros”, remate de especial significação porque nele cessa também a obra édita de Ruy Belo, tal qual como organizada pelo autor: uma forma de despedida, a da terra da alegria, como quem cala o poema: “Dizias qualquer coisa? Esta manhã? Perfeitamente” (BELO 2004, vol. III: 245). Um bocadinho como o “Isto” sobre o *isto* de Fernando Pessoa, o desencontro no título do poema de Ruy Belo é o desencontro, no (e pelo) poema, do Portugal por cumprir – havia que dizê-lo outra vez. Calar o poema é uma forma de o inscrever num tempo presente, que dele participe, como quem diz: escrevo. Ruy Belo, ao enxertar o inédito “Pequena história trágico-terrestre” na cauda de

<sup>53</sup> DTA, “Enganos e desencontros”, vv. 488-509.

<sup>54</sup> PP77-82.

<sup>55</sup> Vide BELO 2004, vol.I: 245.

um compêndio de poemas de livros outros intitulado *País Possível*, diz: escrevo a obra, escrevo uma obra que passa por aqui. O roteiro é pessoal, o autor imprime-lhe o rumo, diligencia-lhe um presente. A publicação de poesia encetada em 1961 vem e está sendo em 1973, e em 1973 sujeita a uma renomeação no mapa da Obra: e mandá-la calar é confrontá-la, comprometê-la com esse presente re-cronologizado, é resolver uma anterioridade que pede que se a diga numa palavra nova. Uma anterioridade temporariamente contemporânea<sup>56</sup>. Mandá-la calar depois de Abril, em 1977, possibilitado que fora Portugal, é escrever para a morte. Ou ainda e já do lado da memória.

Salamanca, 1 de Maio de 2008

### Nota Bibliográfica

#### i. obra poética de Ruy Belo [1961-1978].

- (1961): *Aquele Grande Rio Eufrates*. Lisboa: Edições Ática.  
(1962): *O Problema da Habitação – Alguns Aspectos*. Lisboa: Coleção Círculo de Poesia, Livraria Moraes Editora.  
(1966): *Boca Bilingue*. Lisboa: Edições Ática.  
(1969): *Homem de Palavra[s]*. Lisboa: Coleção Cadernos de Poesia, Publicações Dom Quixote.  
(1972): *Aquele Grande Rio Eufrates*, 2ªed. Lisboa: Coleção Círculo de Poesia, Livraria Moraes Editora.  
(1973a): *Transporte no Tempo*, com prefácio do autor. Lisboa: Coleção Círculo de Poesia, Livraria Moraes Editora.  
(1973b): *País Possível*, com prefácio do autor. Lisboa: Coleção Cadernos Peninsulares, Assírio & Alvim.  
(1974): *A Margem da Alegria*. Lisboa: Coleção Círculo de Poesia, Livraria Moraes Editora.  
(1976): *Toda a Terra*. Lisboa: Coleção Círculo de Poesia, Livraria Moraes Editora.  
(1977): *Despeço-me da Terra da Alegria*, com um desenho de José Rodrigues. Porto: Coleção O Ouro do Dia, Editorial Inova.  
(1978): *Homem de Palavra[s]*, 2ªed., com prefácio do autor. Lisboa: Coleção Forma, Editorial Presença.

#### ii. edição citada da obra reunida.

- BELO, Ruy (1981): *Obra Poética de Ruy Belo*, organização e posfácio de Joaquim Manuel Magalhães, volumes 1 e 2. Lisboa: Coleção Forma, Editorial Presença.  
(1984): *Obra Poética de Ruy Belo*, organização e posfácio de Joaquim Manuel Magalhães, vol. 1, 2ªed.. Lisboa: Coleção Forma, Editorial Presença.  
(2004) *Todos os Poemas*, volumes I, II e III, 2ªed.. Lisboa: Assírio & Alvim.

<sup>56</sup> Cf. RIBEIRO 1994.

### iii. obra crítica.

BELO, Ruy (1969): *Na Senda da Poesia*. Lisboa: União Gráfica.

### iv. nota crítica sobre Ruy Belo, documentos.

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de (2002): “Morte ao Meio-Dia”, in *Século de Ouro. Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX*, Osvaldo Manuel Silvestre e Pedro Serra (orgs.), pp. 252-256. Braga-Coimbra-Lisboa: Angelus Novus & Cotovia.

BELO (1998), Ruy: “Carta a Gastão Cruz”, in *Jornal de Letras*, nº 730, p. 20.

CARLOS, Luís Adriano (2000): “A Margem da Alegoria em Ruy Belo”, in AA.VV. *Colóquio Letras*, nº 155/156, pp. 256-269. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CRUZ, Gastão (1999a): “Ruy Belo – ‘As Palavras Inauguradoras’”, in *A Poesia Portuguesa Hoje*, 2ª ed., corrigida e aumentada, pp. 122-128. Lisboa: Relógio D’Água Editores.

(1999b): “Ruy Belo. Boca Bilingue e Homem de Palavra[s]”, in *A Poesia Portuguesa Hoje*, 2ª ed., corrigida e aumentada, pp. 106-111. Lisboa: Relógio D’Água Editores.

(1999c): “Ruy Belo e a Preparação da Morte”, in *A Poesia Portuguesa Hoje*, 2ª ed., corrigida e aumentada, pp. 112-115. Lisboa: Relógio D’Água Editores.

(1999d): “Ruy Belo, Poeta da Morte, do Real e da Dúvida”, in *A Poesia Portuguesa Hoje*, 2ª ed., corrigida e aumentada, pp. 116-121. Lisboa: Relógio D’Água Editores.

(2003): “Um dia alguém numa grande cidade...”, in *Público*, 8 de Agosto de 2003. Ed. Online.

FIRMINO, Cristina (1997): “Introdução. A Memória e a Invenção do Fim”, in *O Problema da Habitação*, 4ª ed., pp. 7-18. Lisboa: Editorial Presença.

LOURENÇO, Eduardo (2002): “Em Louvor do Vento”, in *Século de Ouro. Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX*, Osvaldo Manuel Silvestre e Pedro Serra (orgs.), pp. 209-218. Braga-Coimbra-Lisboa: Angelus Novus & Cotovia.

MACHADO, Hugo Milhanas (2007): “Do Portugal possível na Madrid de Ruy Belo”, in *Aula Ibérica*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.

MORÃO, Paula (1998): “Cinco palavras cinco pedrinhas”, in *Jornal de Letras*, nº 730, p. 16.

RIBEIRO, Manuel António Silva (2004): *A Margem da Transcendência – um estudo da poesia de Ruy Belo*. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

SARAIVA, Arnaldo (1998): “Introdução. O País Possível, de Ruy Belo, e a sua poesia real”, in *País Possível*, 2ª ed., pp. 7-15. Lisboa: Editorial Presença.

SERRA, Pedro (2003): *Um Nome Para Isto – leituras da poesia de Ruy Belo*. Coimbra: Angelus Novus.

TORRES, Alexandre Pinheiro (1990): “Ruy Belo e a Revelação Apocalíptica”, in *Ensaios Escolhidos II*, pp. 185-207. Lisboa: Editorial Caminho.

### v. aproximações.

PIMENTA, Alberto (2003): *O Silêncio dos Poetas*. Lisboa: Cotovia.

RIBEIRO, António Pinto (1994): *Dança temporariamente contemporânea*. Lisboa: Vega.